



Dos Desvios do “ambiental” à pergunta pelos motivos dos desvios do ambiental: qual melodia nos tem passado despercebida?

Michele Fernandes Gonçalves[1]

Ana Maria Hoepers Preve[2]

Numa música, o que é que mantém junto tudo aquilo que componho, toco ou ouço?
Sem dúvida existe um ponto do qual vale nos afastarmos por algum momento, aquele em que compor é tecer uma sequência teoricamente explicada de efeitos ou gestos ou símbolos ou truques, e buscar um outro modo de ver as coisas...
(Sílvio Ferraz, 2018)

A Educação Ambiental, embora configure um campo disciplinar em seu modo de funcionamento, aparece nos documentos oficiais da Educação Básica brasileira como tema transversal. Ainda assim, vê-se que muito de sua operação limita-se a algumas áreas consideradas de caráter “ambiental”, e mesmo nelas adquire a forma da informação – é necessário *saber sobre* a “natureza”, o “ambiente” e suas complexas relações internas para deixar de agredi-los. Entretanto, muitos pensadores ao longo dos séculos XX e XXI criticaram e ainda criticam a ideia desse “saber sobre”, advogando que o saber, por si só, já não garante qualquer transformação. A crise da experiência, já anunciada por Walter Benjamin (2012) nas primeiras décadas dos anos 1900, segue sendo colocada em discussão por autores de distintos campos do saber, das ciências à filosofia e às artes e delas à própria educação, e em todos eles se relaciona de algum modo a uma outra crise, a da informação – a ideia de que basta estar informado sobre as causas e consequências de uma ação ou acontecimento para transformá-los ou evitá-los. Grande parte da comunicação, de acordo com Maurício Lazzarato (2006), normatiza a existência de maneira intencional ao disseminar a informação como um dispositivo moderno que limita a criação de possíveis a uma simples transmissão, agindo no sentido de reduzir o imprevisível e o desconhecido ao já sabido e esperado e inaugurando um novo terreno de luta entre as lógicas e práticas da informação e as da expressão.



Afastando-se das lógicas informacionais e caminhando em direção às lógicas expressivas, pensadores contemporâneos como Bruno Latour, Lynn Margullis, Ana Primavesi, Ana Tsing, Emanuele Coccia, Donna Haraway, Estefano Mancuso, Ailton Krenak e tantos outros, todos transitando entre por entre campos distintos do conhecimento, vêm ganhando destaque ao afirmar que é necessário, para além do “sobre”, *pensar com, escrever com, fazer com, sentir com, viver com, saber com*. O que se coloca como urgência em todos eles é a necessidade de uma mudança no modo de fazer e de pensar que seja capaz de afetar o modo de sentir e de se relacionar com as coisas, e que retire a primazia da informação como redenção dos problemas sociais, ambientais, psíquicos, emocionais, relacionais etc. Entretanto, se a informação, como nos mostram Ana Maria Preve e Guilherme Corrêa (2007), se mostra insuficiente para responder aos tempos em que vivemos por plasmar o pensamento à uma “ecologia de rebanho” moral e simplificada recostada na ordem do “sobre” do vivido, há de se pensar o que surge como contraponto. Nesse sentido, a insistência do presente parece exigir uma mudança profunda na sensibilidade, como sugere Franco Berardi (2020), a qual, necessariamente, toca o campo educacional.

Carlos Skliar (2003) sugere que a educação é o lugar onde o encontro com o outro pode se dar no âmbito do sensível, de um reverberar permanente que cria, a cada vez, facetas inauditas de todos nós, como em uma melodia que nunca se repete da mesma maneira embora sejam sempre as mesmas notas a serem tocadas, pois que a variação em sua repetição depende do movimento que a produz, o qual carrega em si a possibilidade de uma pequena diferença. Para que essa diferença apareça é necessário, contudo, desfazer-se de antigas canções ou modos de execução musical cuja fixação pela forma vazia, advinda da divisão aristotélica entre forma e conteúdo, impeça o curso constante de suas transformações. Em outras palavras, para que esse reverberar se faça soar a plenos pulmões é preciso abandonar antigas práticas queensem e produzam mundos a partir das “divisões fundamentais” e das grandes dicotomias herdadas e/ou aprofundadas na Modernidade: humano x animal, cultura x natureza, teoria x prática, ambiente x sociedade, sujeito x objeto, razão x emoção, educação x ignorância etc.

Tendo em vista a potência e a urgência desse abandono, propusemos, para este dossiê, a seguinte pergunta: e se pensássemos a Educação fundada na separação entre o “ambiente” e os que o tomam e examinam por seu “objeto” como uma canção démodé cuja fixidez de seu refrão – o refrão “ambiental” – precisasse ser incessantemente traída, até que dessa traição derivasse uma pequena



diferença, um desvio composicional, um intervalo dissonante? Nosso desejo foi reunir pesquisadores, educadores, artistas e pensadores de diversas áreas do saber que estivessem produzindo/experimentando práticas, em espaços formais e não formais de educação, dispostas a trair esse refrão, o refrão da Educação Ambiental feita com letras maiúsculas, arriscando-se a pensá-la e problematizá-la a partir de um deslocamento de seu lugar confortável – o lugar institucionalizado e “salvador de todos perante a crise climática”. Era importante para nós que essas práticas estivessem dispostas a pensar a educação ambiental a partir de um novo refrão, uma melodia outra que não a disciplinar à qual chamamos, inspiradas em Gilles Deleuze e Félix Guattari (2014) e, mais contemporaneamente, em Ana Godoy (2008) e Sílvio Gallo (2008), *menor*, feita com letras minúsculas, cadências “estranhas” e compassos inimagináveis, na direção da produção de afetos que de alguma forma pudessem fender a ideia de que há uma “natureza” a ser salva por uma condição “humana”.

Foi a partir desse convite que os artigos, os ensaios acadêmicos e fotográficos, a resenha, o livro, as obras artísticas, os materiais do laboratório-ateliê, as reportagens, notícias, entrevistas e colunas, as imagens e catálogos de exposições e os registros em vídeo de eventos, conversas, encontros e cursos que compõem este Dossiê chegaram até nós. Todas essas produções, de uma maneira ou de outra, colocam em jogo “desvios” necessários na sua composição possível com diversas áreas de produção do saber, como a educação, a educação básica, a filosofia, a ecologia, a comunicação, a psicologia, a arquitetura, a automação, o cinema, a fotografia, a literatura e o teatro, bem como na sua invenção potente com as práticas escolares, extensionistas, comunitárias, tradicionais, indígenas, agroecológicas, alimentares, “ambientais”, cotidianas, cartográficas etc. São produções que mobilizam questões que tem como mote a relação que estabelecemos *com*: o meio, as coisas, a “natureza”, o “ambiente”, o outro em sua alteridade radical – esse, que reverbera, sempre, junto de nós.

Essas reverberações, tão almejadas por esse “nós”, se mostram desde o texto “Narración y cuidado de mundos: tramas en torno a la fragilidad de la existencia”, de Carlos Skliar e Pablo Cosentino, que abre o Dossiê com a compreensão da educação ambiental como um gesto de cuidado não extrativista com a vida; até aquele que fecha a sessão “Artigos”, “Reencantando a educação ao verdejar o aprender: uma experiência sentipensar e agir ecossistematicamente em um jardim sensorial”, de Mariana Bassetto Peres, Paulo Sérgio Calefi e Gabriela Salvador de Amo, que discute,



a partir da construção de um jardim sensorial, o sentipensar na educação profissional e tecnológica no ensino médio integrado.

Entre um e outro, uma variedade de temas insistentemente “desviam”. Marília Pisani o faz explorando as pedagogias possíveis por entre agroecologia, cartografia, ensino de filosofia e bolsas de sementes no texto “A pedagogia da bolsa de sementes”; Guilherme Corrêa analisando as relações “tribunais” entre educação, ecologia, o bem e o mal, em um texto que leva exatamente esse nome; Júlia Flecher de Andrade discutindo a educação infantil como “correspondência e cuidado com outros seres” no texto “Por que não infanciar a educação ambiental? Por corpos que dancem, sintam, descubram, brinquem, imaginem com o mundo”; e Daniela Cassinelli e Isabel Carneiro investigando a arte e a educação como “teias multiespécies de experiências comunitárias” no texto “Pedagogia da teia: arte e educação como emaranhado afetivo”.

Os desvios seguem na sessão “Artigos” com a discussão da importância de desenvolver um corpo poético na educação escolar no texto “Uma escola ribeirinha em Manaus/AM e outra em São Lourenço do Sul/RS: reflexões sobre educação ambiental ancoradas na educação dos sentidos e nos estudos da performance”, de Francesco de Paulo D’Avila Júnior; e com a articulação entre educação popular, paradigma do bem viver e educação ambiental em um programa de extensão que cultiva sementes e dispersa esperanças no texto “Cultivando outras relações, outras convivências e outros mundos possíveis: a experiência do Programa de Extensão ConViva!”, de Aline Campos, Edinelma Alves de Sousa Resplandes, Maria Victória Lima dos Santos e Pedro Lucas Nunes Lopes.

Já na sessão “Resenhas”, Ariana Sousa de Moraes Sarmento mostra, em “Desvios ambientais possíveis a partir de um texto literário: uma resenha do livro ‘A mulher pássaro’, de Carolina Becker”, como a literatura pode esgarçar as fronteiras entre humano, inumano e mais que humano ao “desviar” dos binarismos que invadem a Educação Ambiental e fazer reverberar um modo singular de *sentir-com* os “outros do mundo”. Esse “outro reverberante” também se mostra nos desvios por entre desertos, geografias, fotografias e paisagens in-visíveis no texto “[deserto] imagem, meio e cartografia: notas sobre o movimento e a relação com o não conhecido”, de Ana Godoy, que abre a sessão “Ensaio”; e através da cartografia sentimental produzida por estudantes de psicologia em um contexto de estágio supervisionado com populações em vulnerabilidade social



no texto “A psicologia indisciplinada como uma po-ética na produção de bons encontros”, de Vitor de Sena Moraes, Jennifer Elizabeth Vieira e André Luiz Strappazzon, que fecha essa mesma sessão. No universo compreendido entre esses dois, muita coisa “foge” – e, por isso mesmo, nos encontra. A “fuga” se dá a ver em “A ursa: quando uma imagem morde”, texto em que Camila Policastro se encontra com a fotografia de uma ursa polar e seus dois filhotes, tramando a partir daí uma “narrativa multiespécies, interclimática e pluricultural” que pretende “ficar com esse problema”. Ela também está presente em “Farinhar: memórias subterrâneas”, em que Vatsi Meneghel Danilevicz, Romari Alejandra Martinez Montano e Christiana Cabicieri Profice pleiteiam a mandioca como “substrato rizomático de sustentação” das subjetividades dos povos de Aby Yala, tratando-a como uma complexa rede de resistências que se difunde pelo território. Muito do por nós compreendido como “normal” foge também em “Cosmopolíticas da polinização: uma ecologia de práticas da flor nas artes da presença”, texto em que Vinicius Huggy, utilizando-se da pedagogia do ator e dramaturgo nipônico Zeami e em contraposição aos conceitos de peste e contaminação de Antonin Artaud, apresenta a polinização como um desdobramento do “gesto de transmitir” da flor. E a fuga continua em “El nombre de la tierra”, texto no qual Daniela Elisa Alvarez indaga os nomes que outorgamos à “Terra” e suas implicações políticas, problematizando sua personificação pelas letras maiúsculas em contraposição à sua dissolução nas letras minúsculas das cosmologias indígenas e dos feminismos.

Em “Em viagem”, Lígia Mara Santos e Maria Eliza Chierighini Pimentel narram a vertiginosa viagem entre o real e o imaginário, a racionalidade e o afeto de um grupo de crianças em uma escola de educação infantil, articulando arte e literatura como maneira de “desviar” e vislumbrar outras possibilidades de ser criança no espaço escolar. Em “Escrevivendo e registros visuais e sonoros em torno da instalação *Them*, de Daniel Lie”, Marcos Reigota narra seus desvios em um encontro atemporal com uma instalação artística que o entrelaça em acontecimentos coletivos e pessoais, da Covid-19 e o aquecimento global às elaborações teóricas, pedagógicas e políticas na companhia de alguns amigos próximos como Iole de Freitas e Marta Catunda. Em “Imagens invertidas em águas turvas”, Ananda Casanova nos convida a um encontro multiespécies com um rio poluído a partir de um olhar desviante “para além do que os olhos podem ver” que se conjuga a um grupo de estudantes e suas câmeras estenopéicas. E em “Diário de muitas alianças: entre crianças e plantas, entre docentes e discentes, entre palavras e imagens”, Diogo Pereira de Souza, Fernanda Omelczuk



e Wenceslao Machado de Oliveira Jr. apresentam experimentações afetivas por entre cinema, escola, infâncias e “ambientes”, trazendo montagens textuais e imagéticas a partir de uma oficina de cinema com crianças e plantas que também “desvia” do “Ambiental” com letras maiúsculas.

O trabalho *com* os desvios nas ecologias e nos modos de vida “para além dos humanos” segue enveredando-se também pelas brincadeiras infantis no texto “Conversas com ecologias e educação infantil: um convite para emaranhar com bebês e crianças num mundo em ruínas”, de Bárbara de Mello e Natasha Pitanguy de Abrantes. Já em “Educação ambiental libertadora e pluriversal: como educar-nos uns aos outros mediatizados pelo mundo de muitos mundos?”, de Matheus Henrique da Mota Ferreira, o que se coloca em jogo é a dimensão crítica e libertadora, política e cosmopolítica que a educação ambiental pode adquirir ao ser pensada junto – e em uma espécie de “desvio” criativo – de Paulo Freire. Em “A biodiversidade como dupla-fratura: caminhos para o refúgio”, Rebeca Verônica Ribeiro Viana, Anne Caroline de Freitas, Gabriel Barco Silva, Paulo Takeo Sano e Ronaldo Andrade dos Santos discutem o conceito de dupla-fratura, de Malcom Ferdinand, na construção de uma educação em biodiversidade no ensino superior e nas redes de pesquisa que se constitua como um refúgio um tanto “díspar” diante do colapso “ambiental”. E em “Amoa hi a Árvore dos cantos como meio para narrativar e aprender a falar com as plantas”, ensaio que compõe a sessão “Fluxo Contínuo”, Keyme Gomes Lourenço propõe uma conversa um tanto “desviante” com plantas a partir “do próprio canto e palavras soados por elas”.

Seguindo com as plantas, Mateo Jaramillo Velásquez abre os desvios da sessão “Artes” especulando novas formas de vida ao conectar o campo da automatização industrial e das mudanças climáticas a partir do desenvolvimento de órgãos mecânicos como próteses para plantas epífitas no trabalho “Plantas epimecóticas – *Phalaenopsis peregrina*”. Mateo Jaramillo e Luz Alvarez, em “Código y Primigenia”, levam esses “desvios botânicos” da automação à arquitetura ao apresentar uma fabulação especulativa em 3D a partir da obra de alguns artistas e de um genuíno interesse pelas plantas e seus padrões geométricos. “Fabulações de uma ilha flutuante, ou como fazer-com a maré”, de Bruno Novaes, transforma os desvios em “transvios” ao propor aos “processos de pedagogização” típicos da infância escapes dos contornos entre humano e não humano por meio de pinturas, desenhos e objetos que compõem uma “coleção constelar de seres abertos à metamorfose”. E “É demasiado isto, não o bastante aquilo”, de Gustavo Torrezan, questiona o próprio desvio ao “enquadrar” linhas vitais que remetem a gestos singulares de existência,



evidenciando os limites e as tensões que constituem nossa “organicidade” e nossa real possibilidade de “fugir do ambiental”.

Um modo particularmente “desviante” de pensar-fazer-sentir em arte e educação também se faz presente em “Borda como centro”, trabalho em que Elis Mira dá a ver a simbiose dos corpos humanos e não humanos presentes em sua obra. Béa Meira, Rayane Barbosa Kaingang, Larissa Ye’pa e Ana Claudia Martins (Claudia Baré), em “A carne de Gaia - um dispositivo vivo”, perguntam-se, ao exporem algumas obras e imagens da exposição A Carne de Gaia, que circulou em cidades do interior paulista durante o ano de 2024, como desviar do privado e ativar o engajamento público e sensível a partir de textos, imagens e objetos no espaço silencioso de um museu. “Corpo-Trilha”, de Débora Steffen e Guilherme de Abreu Machado, mostra como pequenos desvios no “olhar, ver e escutar” em um ambiente “natural” pode provocar a desaceleração e a expansão de um corpo por sobre um caminho “ambiental”. E “Verdear”, de Adrián Cangí, potencializa esse “desvio-do-verde-padrão” à máxima potência ao mesclar tristeza e desejo em palavras que produzem florestas perdidas em memórias e fabulações familiares.

Mais fabulações seguem “desviando-se” em “Ninho-Território-Abuelas”, trabalho em que, como forma de propiciar um local de passagem para pássaros jovens que não conseguem voar por muito tempo, Flaviana Benjamin constrói ninhos com materiais naturais e os distribui em diversas árvores de uma cidade, não se surpreendendo ao receber das mesmas aves, “de presente”, outros ninhos, muito menos “naturais” e mais “desviantes” dos produzidos por ela. Os pássaros continuam em destaque junto a alguns outros animais do Cerrado em “Impactos das queimadas para os animais silvestres no Bioma Cerrado”, trabalho em que Kátia Gomes Facure Giaretta, Camila de Paula Teixeira, Bruna Davi Alves, Giovanna Tannous de Sousa, Michel Muller Pereira, Vanessa Fonseca Gonçalves e Celine de Melo propõem uma discussão que “desvia” do senso comum sobre o fogo no bioma, problematizando-o como agente de manutenção e de potencial extinção – se em demasia – da biodiversidade.

Os desvios também se produzem em uma série de trabalhos que envolvem a prática do cuidado por entre educação, saúde e clínica. Em “Buscando arraigos en el paladar”, Leonardo Andrés Campo Menco explora suas memórias “ambientais” enredando-se pelo vínculo entre as experiências de alimentação e os espaços rememorados de sua infância, adolescência e juventude na companhia de



sua avó e de uma “família ampliada de pessoas que marcaram seu território existencial”. Já em “Alimentos Inadvertidos, una cartografía-banquete multiespecies”, América Larraín, Natalia Pérez e Sebastian Wiedemann também colocam os alimentos no centro de seu processo de criação, discutindo as relações que estabelecemos com eles a partir de um convite a conhecer as plantas que residem, silenciosas e quase imperceptíveis, no *campus* de uma Universidade Colombiana.

“Cultivando las artes de prestar atención y de respons-abilidad”, do mesmo Sebastian Wiedemann, agora em parceria com Natalia Perez, partilha práticas docentes pensadas como criação de espaços de vínculo para “artes de prestar atenção e escutar”. E “Em/tre arte(s)aúdes: pensa(movi)mentos radicais, cosmicidades, __voracidades e ter(r)apêuticas”, de Alexis Milonopoulos e, novamente, Sebastian Wiedemann, apresenta proposições em “arte(s)aúd(e)ducação” a partir da noção de “pesquisa-cuidado-in(ter)venção”. Fechando a sessão “Artes”, “SPIN #2”, de Daniel Chaves de Carvalho, nos convida a transitar pelo mistério da dualidade “cujas polaridades se debatem em uma luta entre opostos, enquanto estes não se percebem complementares”.

A sessão “Laboratório Ateliê”, composta por experimentações realizadas por membros da equipe da Revista ClimaCom e por grupos, pesquisadores e coletivos parceiros, também se esforça por “desviar” a partir dos trabalhos “Convoco as bio-logias”, de Weuller de Oliveira Santos; “O seu verde, em minha vida ecoa”, de Mike Nascimento dos Santos; “Celebrando o cerrado: perspectivas sobre um bioma em resistência”, do Coletivo Goiabal Vivo; “Criar com pássaros e plantas”, de Larissa Bellini, Emanuely Miranda e Susana Oliveira Dias; e “Devir com os vírus em mesas de trabalho”, de Tiago Amaral Sales e, novamente, Susana Oliveira Dias, também curadora da exposição “Tierra”, cujo catálogo compõem a sessão “Residências ClimaCom”.

Os “desvios” ecoam ainda pela sessão “Arquivo Floresta”, que apresenta uma série de trabalhos também organizados por membros da equipe da Revista em parceria com alguns convidados. Os trabalhos se iniciam pelo livro “Morada Floresta”, organizado por Alessandra Ribeiro, Emanuely Miranda, Fernanda Pestana, Lilian Maus, Sigifredo Marin, Susana Dias e Tiago Sales; passam pelas imagens do projeto “Metamorfoses do Antropoceno”, de curadoria de Susana Oliveira Dias e Valéria Scornaienchi; seguem com o curso “Na floresta dos signos e das coisas – a escrita como prática da lentidão”, de Eduardo Pellejero; com as imagens e o catálogo da exposição coletiva “Cosmopolíticas Vegetais”, de curadoria de Carolina Cantarino e Susana Oliveira Dias; com a conversa



“Descolonização da Paisagem”, com Daniel Caballero, parte da série “Confabulações Poéticas Diante das Catástrofes”; e finalizam-se com o encontro “Devir com os vírus nas ruínas do Antropoceno”, com Ramon Fontes, Thiago Ranniery e Tiago Amaral Sales, parte do Projeto “Perceber-fazer floresta – alianças entre artes, ciências e comunicações diante do Antropoceno”, financiado pela Fapesp e de coordenação de Susana Oliveira Dias.

Mais desvios se desdobram na sessão “Igbin Obàtálá”, que traz a conversa “O jogo de Ifá e a antecipação de futuros”, com Faseyi Dada (Oba Oribato), a respeito do Ano Novo Yorùbá e o anúncio de um novo “Odu”; e na sessão “Entre Mundos”, a partir de duas colunas escritas por Daniela Feriani: uma chamada “Quando as palavras se apagam, o que brilha?”, a respeito da necessidade de “abertura para outras dimensões” quando a linguagem verbal deixa de ser uma opção; e outra chamada “Entre mundos ou existências-outras: experiências demenciais e neurodivergentes”, a respeito do que nos falam os autistas e as pessoas com demência a respeito do mundo, ou de um outro-mundo, composto por “outras regras, outra percepção, outros modos de ser e viver”.

Por fim, fechando o Dossiê, as sessões “Jornalismo” e “Pegada Hídrica” trazem notícias, reportagens e entrevistas também produzidas pela equipe da Revista e que, em alguma medida, proliferam as tentativas de “desviar do ambiental-padrão” ou do “padrão-ambiental” ao abordar a intersecção entre distintas áreas do saber, múltiplos atores sociais e campos de atuação singulares, desde a política até o trabalho com o sensível. Articulando variadas temáticas e diversas personalidades, entre cientistas, professores, artistas e membros da comunidade, essas sessões dão a ver, uma vez mais, a indissociabilidade entre o “ambiente” e tudo o que, por muito tempo, foi colocado “para fora” dele.

Após tantos desvios e fugas, nas variadas sessões aqui apresentadas, finalizamos esta apresentação retomando a pergunta feita por Daniel Chaves de Carvalho na obra “SPIN #2”: “afinal, como foi que nos desviamos do ambiental?”. Essa pergunta, em um primeiro momento, poderia parecer oposta ao principal convite deste Dossiê, mas apenas se não nos atentássemos à provocação feita pelo próprio autor: “transcender [embora, para nós, a palavra mais correta seja *desviar*] a dialética”. É com essa proposição que encerramos nossa pequena reunião de escritos “desviantes”, nosso intervalo dissonante no interior do refrão maior da Educação Ambiental.



Acreditamos que o conjunto aqui disposto compõe uma melodia que se pretendeu não disciplinar e que tentou fazer soar, por entre a fixidez institucional das práticas educativas, artísticas e de pesquisa e comunicação “sobre” a “natureza”, outros sons para outros tempos, de maneira a, com sorte, alcançar o “ponto do qual vale nos afastarmos”, como aconselha a epígrafe de Sílvio Ferraz escolhida para abrir o Dossiê. Esses “outros tempos” para os quais soam os sons aqui reunidos são, sim, também os tempos de catástrofes, como bem diagnosticou Isabelle Stengers (2015), mas não só; eles são, sobretudo, aqueles de pura “expressão poético-selvagem da vida”, no melhor sentido posto por Ailton Krenak (2020): o de um atravessamento anterior ao “humano”, precedente ao “ambiental”, prévio às separações de qualquer “natureza”, feito *com* tudo o que existe e persiste conosco, em, além e através de nós. Feito, enfim, com o que nos atravessa e, ainda bem, existe a nosso despeito.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter, 1982-1940. **Magia e Técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura/ Walter Benjamin. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8ª. Ed. Revista. São Paulo: Brasiliense, 2012 – (Obras Escolhidas v.1).

BERARDI, Franco. **Asfixia**: capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem. Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka**: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 2014.

FERRAZ, Sílvio. **Livro das sonoridades [notas dispersas sobre composição]**: um livro de música para não-músicos ou de não-música para músicos. 2a. ed. Rio de Janeiro: 7letras, 2018.

GALLO, Sílvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

KRENAK, Ailton. **A vida é selvagem**. Cadernos SELVAGEM, Rio de Janeiro: Dantes Editora, Biosfera, 2020.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**/ Maurizio Lazzarato. Trad. Leonora Corsini. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006 (A Política do Império).



PREVE, Ana Maria H.; CORRÊA, Guilherme. Ecologia de rebanho. In: PREVE, Ana Maria H.; CORRÊA, Guilherme (Org.). **Ambientes da Ecologia**: perspectivas em política e educação. Santa Maria, Ed. da UFSM, 2007.

SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Trad. Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

STENGERS, Isabelle. **No Tempo das Catástrofes**. Trad. Eloisa Araújo. São Paulo: CosacNaify, 2015.

[1] Instituto de Cultura Científica - ICC, Universidade Federal de São Carlos - UFscar. Email: carpe_mizinha@hotmail.com.

[2] Centro de Ciências Humanas e da Educação - Faed, Universidade do Estado de Santa Catarina - Udesc. Email: anamariapreve@gmail.com.